

VIDA E MORTE DE UM SONHO¹

Giovanna Quaglia²

Escola Brasileira de Psicanálise, Brasília, DF, Brasil.

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v1i1.23>

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Apesar de dizerem que Brasília não é uma cidade, mas sim uma região administrativa do Distrito Federal e capital do Brasil, gosto de pensar que Brasília é sim uma cidade!

Antes mesmo de ser inaugurada em 1960, Brasília já começava a existir como um sonho moderno. Em 1956, de uma aspiração de Juscelino Kubitschek, iniciou-se o projeto de construção da nova capital do Brasil. Na época começaram a surgir os “fundadores” do Planalto Central, pessoas que vinham edificar suas histórias na nova cidade do Brasil. Naquele tempo, por aqui não tinham estradas asfaltadas, nem aeroportos, a paisagem era inóspita, não existia nada, as pessoas que chegavam vinham trabalhar para criar, construir. Tudo aqui foi artificialmente feito para abrigar um sonho. Passados mais de 60 anos, Brasília tornou-se uma realidade. A cidade ao longo dos anos foi criando práticas cotidianas, as pessoas foram se familiarizando com o espaço urbano, aqueles que eram forasteiros criaram raízes, famílias e os habitantes surgiram, uma cultura própria nasceu com músicos, escritores, cineastas, artistas, tribos urbanas e a diversidade povoa o que uma vez foi só um traçado de um avião na linha do horizonte.

A Esplanada dos Ministérios é nossa avenida, ela é o “caminho da roça”. A Praça dos Três Poderes é nossa praça, onde caminhamos, fazemos shows, feiras. Os três prédios que representam os três Poderes do Brasil – Palácio do Planalto, Supremo Tribunal Federal, Congresso Nacional - são locais de afeto, das histórias da vida cotidiana e recordações, onde trabalhamos, frequentamos. Espaços em que temos amigos e familiares. Sim, em Brasília vivemos como em outras cidades entre prédios do governo e a arquitetura patrimônio cultural e cívico da humanidade. Brasília, sede do governo federal e capital da república, é nossa cidade, nossa casa, é onde moramos, estudamos, vamos ao cinema, supermercado... Uma cidade viva, que vibra com seus habitantes. Parece estranho ter que dizer isso, mas em Brasília existe humanidade, existem pessoas com vida sensível para além da relatada do poder, politicagem e políticos.

Os domingos são de extrema calma, os espaços abertos ficam mais vazios, o céu fica

1 Relato de experiência que visa trazer de maneira singular o ponto de vista de um morador de Brasília diante dos acontecimentos de 08 de janeiro de 2023 na Capital do Brasil. Palavras-chave: Brasília, democracia, sonho, janeiro, barbárie.

2 Psicanalista Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e Associação Mundial de Psicanálise (AMP). Membro do Grupo de Pesquisa Miroslav Milovic (CNPq), linha de pesquisa Filosofia, Psicanálise e Política. Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de Brasília (UNB). Moradora de Brasília- DF. E-mail: giovannaquagliar@gmail.com



mais perto e entre a Asa Sul e Asa Norte os pontos de encontro são mais concentrados pelo bairrismo das Quadras. O Eixo Monumental se torna um grande gramado com ciclistas, skatistas ou passantes. Na Rodoviária, nó central entre os eixos, diminui a quantidade de ônibus e o ritmo desacelera.

Dia 8 de janeiro de 2023 seria só um domingo, ainda estávamos extasiados pela felicidade e o sucesso do convívio social da posse. A cidade que havia sediado a grande festa brasileira da democracia, com a posse do novo Presidente da República no dia 01 de janeiro, sentia os visitantes saírem e começava a experimentar uma forma menos tensa de prazer, longe de ameaças e ataques tão frequentes. Os últimos anos foram difíceis, muitas mensagens de ódio partiam daqui e para cá retornavam, Brasília era um lugar muito carregado e o convívio entre moradores agressivo. Então, vivenciávamos a primeira semana de uma sensação de tranquilidade e esperança, e foi aí que por alguns instantes esquecemos o mal e pensei “o pior já passou!”, uma ilusão diante da paisagem brilhante da cidade e a retomada da democracia.

Assim, embora a quantidade de pessoas acampadas em frente ao quartel do exército aumentasse dia após dia desde 30 de outubro, apesar dos atentados de 12 de dezembro com ônibus incendiados e o ataque à sede da Polícia Federal, da ameaça de bomba no aeroporto dias antes da posse, do crescente número de ônibus e caminhões que chegavam e cercavam a Cidade; nós não estávamos sentindo o perigo.

Talvez pelo fato de que manifestações na Esplanada são cotidianas e convivermos com o exercício da cidadania, nos traz certa familiaridade pacífica com os inúmeros protestos, acontecimentos e atos políticos, aos quais além de assistirmos, participamos. Só sei que olhávamos o acampamento em frente ao QG como um velório que não terminava e de onde aguardávamos a notícia de que finalmente tinham enterrado o morto! As *fakes news* pareciam cada vez mais absurdas, devaneios e loucuras. A coisa não estava sendo levada a sério, sem notar víamos o cavalo de Troia chegar e até fazíamos piadas! A despeito dos vários sinais de que a invasão aconteceria, é como se o brilho de nosso sonho democrático nos cegasse da ameaça que estava diante de nós e por algum tempo esquecemos o inimigo existente, ele estava ali, à espreita, aguardando o comando para atacar.

Pois é, poderia ter sido só mais um domingo, mas não foi! Dia 08 de janeiro de 2023 não foi nada fácil. O morto não enterrado era a essência da caravana que partindo do acampamento descia em marcha de indignados, o ritmo era de vingança. Nosso “caminho da roça”, a Esplanada dos Ministérios, palco de tantas manifestações, não foi ocupada como de costume, algo estranho se aproximava, o tom não era de um protesto, mas berros em fúria que invadiram os espaços símbolos da república.

Palácio, Congresso e Supremo foram tomados, o alvo era usurpar os Três Poderes e acabar com a Democracia, desordenar a paz, gerar caos. Nesse momento o que pude vivenciar foi a sensação de perda da noção de realidade, parecia um sonho ruim, um pesadelo! Nossa cidade, nossos espaços, nossa “casa” foram invadidos. Só existia ataque! No cenário de guerra só havia um lado e Brasília era o objeto indigno a ser destruído.

Fiquei em choque! Realmente aquilo estava acontecendo!

As notícias corriam e as pessoas começaram a trocar mensagens. Além da barbárie que devastava os prédios na Praça dos Três Poderes, surgiram ameaças difusas de ataques com bombas

a bares, restaurantes, locais culturais, pontos artísticos ou redutos da esquerda.

Uma cidade sem governo, sem proteção. Mensagens de amigos e colegas que se sentiram acuados diziam para tomarmos cuidado. As coisas estavam à flor da pele, a hostilidade para com a política ou políticos estava sendo lançada a nós e não existia defesa. Moradores se trancaram em casa, artistas cancelaram espetáculos, bares fecharam. Silêncio! Vamos calar a boca e ficar escondido! Sentimento de impotência, paralização, medo e horror.

Ver a invasão, o atentado à Democracia, a destruição brutal e cruel de coisas tão preciosas, trouxe uma dor forte! Tristeza profunda! O brilho caído na fumaça e poeira dos destroços.

Muitas vezes viver em Brasília é se tornar invisível. Como se a cidade não fosse algo que nos pertencesse. Nessas horas, Brasília, uma cidade com humanidade deixa de existir e só existe a Capital Federal. Desumanizam os espaços, só aparecem as coisas. A sensação de estar desgovernado é real.

Parte da cidade foi fechada. O acesso a Esplanada foi interrompido. O desamparo e abandono era confirmado na televisão. Na falta de governo vem a Intervenção. Nas imagens não aparece o menor traço de uma reconciliação ou uma redenção. É só barbárie!

A destruição do Palácio do Planalto, Supremo Tribunal Federal, Congresso Nacional, invasão, rasgo, apropriação e desrespeito não só ao Brasil, mas a memória dos brasileiros. Aqueles corredores que traziam tantas recordações agora estão com janelas quebradas, carpetes molhados, quadros rasgados, poltronas viradas. O retorno do fantasma dos tempos de opressão, do inimigo que vive ao lado fica no ar. Os domingos calmos não serão mais os mesmos. O extremismo nos mostrou sua face cruel e nos despertou do sonho.